

## A retomada anafórica pronominal em textos jornalísticos: fatores motivadores

Uiara Chagas<sup>1</sup>, Mariana Trautwein<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

<sup>2</sup>Universidade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

uiara-usc@hotmail.com, marimaua@gmail.com

**Resumo.** *A frequência com que as retomadas anafóricas diretas aparecem em diferentes contextos jornalísticos é um tópico interessante a ser observado. A diferença de público-alvo de cada jornal gera uma adequação de linguagem que opta, ou não, por certos recursos lingüísticos textuais. Constatou-se a alta frequência com que acontecem as retomadas por anáforas de pronomes pessoais retos como um recurso coesivo que normalmente serve como lembrete ao leitor. Por outro lado, não se encontra ocorrência alguma de anáforas indiretas e raros casos de elipse. Neste trabalho, objetiva-se analisar, considerando-se dados de jornais destinados a indivíduos de diferentes classes socioeconômicas, idade, escolaridade e sexo de Curitiba e Região Metropolitana, em que medida esses fatores ou outros estariam condicionando os jornais em questão a optar pela referência anafórica pronominal e não pela elipse ou pelas anáforas indiretas, como revelam os dados. As bases teóricas deste estudo vêm da lingüística textual, especificamente de Koch (2000, 2002, 2005), Marcuschi (2001, 2005) e Ilari (2005).*

**Abstract.** *The frequency with which resumed direct anaphors appear in different contexts of the journalism text is an interesting topic to be observed. The difference in target audience of each newspaper generates an adequacy of language that goes, or not, for certain textual language resources. There is a high frequency with which the anaphors with personal pronouns are used as a cohesive feature that normally serves as a reminder to the reader. On the other hand, is not any occurrence of indirect anaphors and rare cases of ellipse. In this work, we aim to examine, considering data from newspapers to individuals of different socioeconomic classes, age, education and sex of the Metropolitan Region of Curitiba newspapers, to what extent such factors or other condition would the newspapers be concerned to opt for this kind of anaphorical reference and not for the ellipse or by indirect anaphors, as illustrated by the data. The theoretical basis of this study come from textual linguistics, specifically, Koch (2000, 2002, 2005), Marcuschi (2001, 2005) and Ilari (2005).*

**Palavras-chave:** anáfora, referente, texto jornalístico

## 1. A referenciação

Referenciação é o importante processo através do qual se dá à seqüência coesa e coerente de um texto, é resultado de uma operação realizada para designar, sugerir ou representar algo. Segundo Koch (2002) a referenciação tem por finalidade designar o que vemos em situação de discurso como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*. Essa mesma autora afirma que isso não significa negar a realidade, mas representa o fato de que a maneira como vemos e dizemos o real não coincide com o real, o que ocorre e uma *reelaboração* dos dados, não de maneira aleatória, mas, obedecendo condições culturais, sócias, históricas e condições de uso da língua.

Admiti-se com isso que os *objetos- de- discurso* introduzidos no texto são dinâmicos podendo ser: desativados ou reativados, transformados ou recategorizados, modificados, atribuindo sentido a progressão textual.

*O objeto de discurso caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como pelo fato de articular-se em partes suscetíveis de se autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente. (KOCH, 2002. p. 81)*

A textualização e discursivação do mundo por via da linguagem não se dá somente através do processo de elaboração de informações, mas da *reelaboração* e da *reconstrução*. A alteração de uma forma, de um termo implica na alteração do significado, do sentido do que está sendo comunicado e, é precisamente neste ponto, que reside a necessidade de substituir a noção de referência pela noção de referenciação, tal como e postulam Mondada e Dubois (1995), citados por Koch.

Por uma noção de referenciação são operações básicas:

1. ativação – pelo qual um referente textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço”, cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística que o “representa” permanece em foco na memória de curto termo, de tal forma que o referente fica saliente no modelo;
2. reativação – um nóculo já introduzido é novamente ativado na memória de curto termo, por meio de uma forma referencial, de modo que o referente textual permanece saliente (o nóculo continua em foco);
3. de-ativação – ativação de um novo nóculo, deslocando-se, assim, o referente que estava em foco anteriormente. Embora fora de foco, porém, este continua a ter um endereço cognitivo (locação) no modelo textual, podendo a qualquer momento ser novamente ativado. Seu estatuto no modelo textual é inferível.

Sendo a referenciação um caso geral de operação dos elementos designadores, todos os casos de progressão referencial são baseados em algum processo de

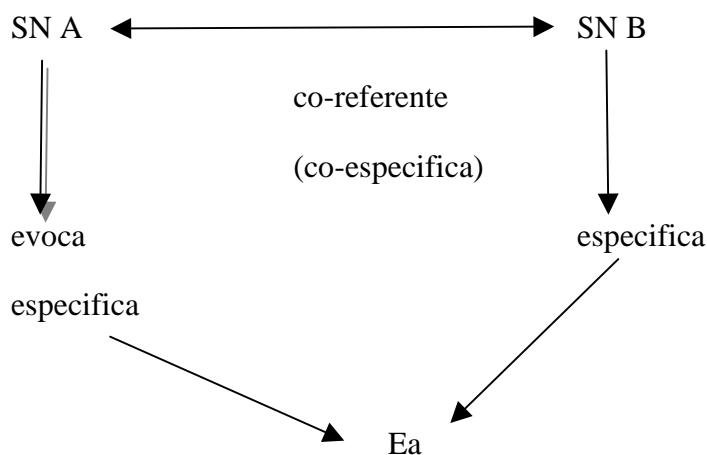
referenciação, a determinação de uso desses referenciais se dá em detrimento dos demais elementos do co-texto ou mesmo do contexto. Segundo Koch (2002) podemos distinguir as seguintes estratégias de progressão referencial:

- a. uso de pronomes ou elipses (pronome nulo);
- b. uso de expressões nominais definidas;
- c. uso de expressões nominais indefinidas.

As formas gramaticais que exercem “função pronome” são um recurso bastante utilizado com os quais interlocutores constroem a cadeia de referentes dos textos, a cadeia dos elementos de que se fala no texto. Referentes são fundamentais para se tecer o “fio da meada”, são muitas vezes esses elementos que permitem ao alocutário perceber relações, metonímicas, metafóricas, hiponímicas, hipernímicas, de substituição, de associação, de inclusão, que contribuem para a construção e a ampliação da compreensão textual.

Anáfora, em sua originalidade, indicava uma repetição de expressão ou sintagma no início da frase, porém a noção de anáfora que estudamos atualmente é muito diferente da clássica e designa expressões no texto que retomam outras expressões ou enunciados, conteúdos ou contextos textuais e que causam uma progressão textual referencial.

Aqui, trabalharemos com as anáforas diretas que geralmente reportam referentes previamente introduzidos no texto em uma relação de co-referência entre os estes elementos e ocasiona um processo de reativação dos referentes prévios. Diferente das anáforas indiretas, onde não existe congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente, quando falamos de AD tratamos de uma especificação referencial só, o que leva a uma relação direta entre elemento A e B. Marcuschi (2001, p. 5) nos apresenta o seguinte esquema para explicar a anáforas diretas:



Pode-se ver claramente a relação entre os sintagmas na formação de uma só especificação textual. É por esta relação que as anáforas diretas recebem este nome enquanto as indiretas, que não apresentam uma relação referencial sintática entre A e B. Porém, deve-se ressaltar que ter cuidado ao utilizar a retomada por anáfora é essencial. Nenhum texto é monotemático e por isso ao usarmos uma anáfora o referente ao qual ela remete deve estar claro ao leitor, pois caso contrário o sentido do texto é ameaçado. Este tipo de problema ocorre principalmente com as anáforas pronominais diretas, elementos de estudo deste artigo, por estas apresentarem valor semântico genérico em suas formas, os pronomes podem remeter a qualquer referente prévio do texto, diferente das anáforas indiretas que exigem um referente semanticamente próximo.

Apesar do risco de ambigüidade, são estas retomadas que permitem ao texto progredir com fluidez e coesão.

A anáfora possui uma grande importância quando falamos em progressão textual, pois é ela quem estabelece, de forma direta ou não, a continuidade e a retomada dos objetos-de-discurso do texto como relatam BRENT e ASSUNÇÃO (2001, p. 5):

*Assim, pensar na progressão textual, nos leva a pensar, principalmente, no papel das anáforas, uma vez que esses elementos são de grande importância na manutenção temática do texto. Destaca-se também, que as anáforas são elementos responsáveis por possuírem uma grande carga de informação no interior do texto. Na sua atividade de remeter, o elemento anafórico pode reativar objetos-de-discurso introduzidos anteriormente ou ativar um novo objeto-de-discurso cuja interpretação é dependente de dados introduzidos anteriormente (anáfora indireta).*

Pela grande relação estabelecida com a progressão do texto, as anáforas são tema muito recorrente nos estudos da Lingüística textual e mostram-se presentes em todo gênero textual.

## **2. Corpus**

A pesquisa foi realizada com quatro jornais da região de Curitiba e Região metropolitana. Para não identificarmos os jornais trabalharemos com os termos: A, B, C e D. O jornal A é um dos jornais de maior circulação, seus leitores em geral pertencem a um público mais culto; classe média e classe média alta. Assim, se conteúdo traz notícias de economia, política e acontecimentos mundiais. O jornal B é considerado “popular” e se destina a leitores de classe média baixa, normalmente com um grau de escolaridade mais baixo, por isso, traz notícias policiais e grandes escândalos, não fala de economia nem mostra os acontecimentos em âmbito mais amplo. O jornal C é de pequeno porte, relata notícias, acontecimentos específicos da sua região, não abrange notícias nacionais ou internacionais. O jornal D, também de pequeno porte, tem sua

circulação bastante restrita atendendo mais especificamente seu seu bairro/região. Seu conteúdo aborda temas diversos e encontramos também em notícias de âmbito nacional.

Para a realização da pesquisa utilizamos jornais de mesma data e procuramos matérias que tratassem dos mesmos assuntos. As matérias analisadas tratavam sobre; O ouro ganho pela brasileira Maureen Maggi no salto em distância; Trafico de remédios de tarja preta. Alguns temas não foram comum nos quatro jornais, nestes casos utilizamos os citamos acima.

### 3. A Análise

Sabe-se que a referenciação acontece através de retomadas, gramaticais ou lexicais, que funcionam como recurso coesivo para a fluidez do texto. A pronominalização, aspecto aqui abordado, ocorre quando o referente é retomado através de formas gramaticais que exercem a função pronome, sendo elas numerais, advérbios ou os pronomes propriamente ditos.

Baseando-se no pressuposto de que a referenciação constitui uma atividade discursiva analisou-se o emprego de anáforas diretas e indiretas no texto jornalístico, traçando-se um paralelo sociolinguístico quando trabalhado com jornais de diferentes públicos e situações de escrita.

Pudemos observar uma variedade de recursos lingüísticos empregados nos diferentes jornais em relação às mesmas matérias:

JORNAL A: “A marca a ser batida é de Maureen Maggi: 7,04 metros. *Ela* percorre a pista, pisa pouco antes da tábua, decola e aterrissa”.

JORNAL B: “Maureen Maggi é a mulher de ouro do atletismo brasileiro. *Ela* fez história e viveu ontem o capítulo mais bonito do conto de fadas em que se transformou *sua* carreira”.

JORNAL C: “ A consagração olímpica de Maureen Maggi chegou oito anos depois de sair do jogos de Sidney, 2000, machucada e cinco após o pesadelo de 2003. Na manhã da sexta-feira( noite em Pequim), a brasileira exorcizou definitivamente seus demônios, (...) A saltadora superou o feito conquistado pela judoca (...) Nos jogos olímpicos de Sidney, em 2000, *ela* chegou como uma das favoritas ao ouro. *Sua* marca até então, 7,26 m, de junho de 1999, *a* colocava no seletor grupo das atletas que passaram dos 7m”.

Os exemplos apontam que a anáfora pronominal direta, principalmente com os pronomes pessoais retos, é muito utilizada em todos os jornais analisados. Por tratar-se de um recurso utilizado também na oralidade, o leitor, mesmo o menos preparado, já encontra-se habituado ao recurso e consegue conectar o pronome, nos casos acima o *ela*, com o referente previamente mencionado sem muitas dificuldades ou problemas de ambigüidade. Porém, nota-se também o pouco uso da retomada por pronomes pessoais oblíquos, caso que apenas ocorreu na reportagem do Jornal C e em apenas uma ocorrência, já que estes pronomes podem ser confundidos com os artigos definidos, o

que pode gerar uma má interpretação por parte do leitor menos proficiente. Por fim nota-se a retomada por pronomes possessivos, os quais são diretamente ligados ao referente prévio e por isso aparentemente, não conduziriam o leitor à uma interpretação questionável.

A retomada por sinônimos e hiperônimos também foi muito utilizada principalmente no Jornal C. Foi interessante encontrar um grande número de substituições lexicais no mesmo jornal, que se mostrou o único, onde se encontrou a referência por pronome oblíquo.

Observemos mais alguns exemplos:

JORNAL A: “ Queremos entender, agora, como o esquema funcionava para aumentar o controle sobre a venda dos medicamentos de tarja preta e evitar que *eles* acabem no mercado negro...”

JORNAL B: “ O líder do grupo, que não teve a identificação divulgada, tinha o apelido de “Monstro”. Além *dele* e de *sua* esposa, foram presos donos de farmácias e alguns funcionários. “ *Eles* responderão por tráfico internacional de entorpecentes, falsificação de medicamentos, associação para o tráfico e lavagem de dinheiro”

JORNAL D: “ A Polícia Federal deflagrou ontem (22), a Operação Tarja Preta para desarticular uma organização criminosa para tráfico internacional de drogas pela internet. A quadrilha enviava medicamentos psicotrópicos, que são controlados...”

Novamente vemos um grande número de ocorrências de anáforas pronominais com pronomes pessoais retos que retomam o sujeito e com pronomes possessivos. Interessante foi que novamente, o jornal D, também um jornal de classe popular, nesta reportagem não apresentou retomadas por anáforas, apenas por substituição lexical, sinônimos e hiperônimos.

Deve-se deixar claro que não foram encontradas situações em que ocorreriam retomadas anafóricas indiretas, provavelmente devido ao nível de leitura que estas exigem para serem compreendidas. Em nenhum dos jornais ou reportagens encontrou-se casos claros de anáforas indiretas, porém algo que não esperávamos encontrar foi a quantidade significativa de ocorrências de elipse, principalmente em casos onde ocorreu seqüências de topicalização, como exemplo o primeiro trecho do Jornal A na reportagem de Maureen Maggi onde escreve-se:

“*Ela* percorre a pista,  $\emptyset$  pisa pouco antes da tábua,  $\emptyset$  decola e  $\emptyset$  aterrissa”.

O que podemos concluir desse estudo é que o processo de retomada anafórica está diretamente ligado ao público leitor e as reportagens que são comunicadas. Vimos nas análises que seu uso da ao leitor a interação necessário em textos jornalísticos, uma vez que, através da referência pronominal o texto possibilita ao leitor uma leitura coesa e coerente sem a necessidade de que leitor retorne à algum período do texto para que sua compreensão não seja comprometida.

O estudo nos permitiu verificar que a temática da notícia, o nível de público para o qual ela é destinada, são fatores bastante importantes para composição desse recurso lingüístico nos textos dos jornais analisados. De forma geral é possível afirmamos que o uso da referência pronominal anafórica não se detêm somente em

fatores lingüísticos mas também em fatores sociolingüísticos, a motivação para isso é, em suma, a relação popular do gênero texto jornalístico com seu público, pois temos na sociedade jornais para todos os públicos e o que os diferencia é o uso da linguagem, mecanismo fundamental para a comunicação.

#### **4. Referencias e Citações**

ILARI, Rodolfo. A lingüística e o ensino da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: M. Fontes, 1992. 120 p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 75 p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002. 168 p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 216 p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto e coerência. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 107 p.

KOCH, Ingedore & MARCUSCHI L. A. “Processo de referenciação na produção discursiva” In: DELTA 14: ( número especial), 1998, p.169-190.

MARCUSCHI, Luis A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore V., MORATO, Edwiges M. & BENTES, Anna Christina (Orgs.) Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005: 88